FERNANDO PEIXOTO: UM NOME FUNDAMENTAL DO TEATRO NO BRASIL

Maria Sílvia Betti

Em 1989 Fernando Peixoto publicou um volume com a compilação de autos e peças teatrais do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes nunca antes reunidos e publicados. Para a abertura escreveu um texto intitulado *CPC: O Projeto de um Teatro a serviço da Revolução*. Se essa publicação tivesse sido sua única contribuição ao teatro brasileiro, ela já seria, por seu significado, suficiente para lhe assegurar um lugar de destaque dentre todos os que lutaram e se empenharam para a construção de uma consciência transformadora e crítica do teatro no país.

Fernando Peixoto teve participação decisiva em vários momentos e frentes do trabalho político e cultural do teatro brasileiro e latino-americano: nascido em Porto Alegre em 1937, teve contato estreito com o contexto teatral e cultural de Montevidéu e com o trabalho do grupo uruguaio El Galpón, e foi por meio de seu diretor, Atahualpa del Cioppo[1], que conheceu a peça *Galileu Galilei*, de Brecht, de cuja montagem participaria no Teatro Oficina, em 1968, interpretando o papel de Andrea Sarti. Conhecedor da língua alemã e consequentemente leitor dos escritos e peças de Bertolt Brecht no original, Fernando traduziu textos brechtianos como *Na Selva das Cidades*, *Um homem é um homem* e *O Processo de Joana d'Arc*.

Ingressou no Teatro Oficina de São Paulo em 1963, quando o grupo havia acabado de se profissionalizar, e lá trabalhou até 1968, atuando em montagens históricas como as de *O Rei da Vela* e *Na Selva das Cidades*, além da já mencionada *Galileu Galilei*. Pertencendo à mesma geração de Chico de Assis [1933], Gianfrancesco Guarnieri [1934-2006] e Oduvaldo Vianna Filho [1936-1974], dramaturgos cujos trabalhos politizaram em extensão e profundidade o teatro no país, foi interlocutor deles e divulgou intensamente o debate da politização do teatro por meio de um trabalho editorial e crítico que tornou possível, a gerações muito posteriores, o contato com questões fundamentais enfrentadas no CPC ou, após o golpe militar, no movimento de resistência que se articulou.

Dificilmente outro homem de teatro brasileiro terá tido um percurso tão diversificado, prolífico e ao mesmo tempo consistente e orgânico como Fernando Peixoto. Um dos fatores mais importantes para isso foi a coerência militante com que associou às funções de ator e diretor um trabalho constante e consistente como jornalista, crítico, tradutor e editor. Fernando foi membro do Partido Comunista desde jovem, e integrou o Comitê Central do Partido na segunda metade dos anos 80. Foi nesse período, precisamente, que trouxe a público, numa coletânea lançada em 1983, vários textos ensaísticos inéditos que Vianinha havia escrito presumivelmente para debates internos no Arena e no Partido entre 1958 e 1961, no início de sua carreira.

[1] [1904-1996]

Como lhe era habitual, Fernando não se limitou a coletar e organizar o material: teve o cuidado de, por meio de notas de leitura apostas a cada texto, comentar e eventualmente complementar, quando se fazia necessário, as elipses de pensamento em algumas das laudas que Vianinha redigira vinte e cinco anos antes, aos vinte e quatro anos de idade, em meio a um debate político candente e sem intenção editorial.

Fernando Peixoto teve fundamental papel também na recepção e circulação do trabalho de Brecht no Brasil. No final da década de 50 o país deixava para trás a vigência de uma cultura teatral europeizante e francófila, identificada ao TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), e ingressava numa era de forte presença do drama norte-americano do segundo pós guerra, com o aporte de um padrão formal que naquele momento abria perspectivas para a representação da sociedade industrializada que aqui se expandia.

Foi nesse contexto que, do final da década de 50 em diante, o trabalho de Brecht começou a se tornar conhecido no país e que Fernando passou a atuar não só como tradutor, mas também como jornalista, cobrindo e comentando espetáculos, e como ator e encenador de textos brechtianos em momentos-chave para a introdução do teatro épico no Brasil.

Um desses momentos se deu em 1961, quando ele organizou em Porto Alegre as apresentações do CPC (naquele momento ainda não vinculado oficialmente à UNE)que viriam a desencadear a criação do núcleo local do CPC, divulgando o trabalho logo a seguir numa matéria jornalística intitulada "Excepcional e inesperado acontecimento". A leitura do poema brechtiano "O General" integrou, nessa ocasião, o espetáculo intitulado "Miséria ao alcance de Todos", do qual faziam parte textos de Chico de Assis, Augusto Boal, Vianinha, Arnaldo Jabor e Carlos Estevam Martins.

O contato de Fernando com Brecht, creditado pelo próprio Fernando ao importante trabalho formador do diretor Ruggero Jacobbi[2], desdobrou-se numa das mais importantes e prolíficas trajetórias de trabalho e pensamento no campo do épico no teatro brasileiro: como ator ele trabalhou tanto na pioneira montagem de *Mãe Coragem* sob a direção de Alberto d'Aversa[3] em Porto Alegre, em 1960, como na de *Galileu Galilei*, dirigida por Zé Celso no Teatro Oficina, espetáculo que estreou atrás de imensas grades colocadas na boca de cena, em 13 de dezembro de 1968, data de promulgação do sinistro Ato Institucional n. 5 ao qual o Oficina demonstrou assim o seu repúdio.

Foi com o Oficina que Fernando teve contato, pela primeira vez, com o Berliner Ensemble[4], numa excursão à Europa em 1966. Sua atuação em *Na Selva das Cidades*, em 1969, se deu, já, num momento de conflitos internos no grupo, do qual ele viria a desligar-se pouco depois. Algum tempo antes de desligar-se do Oficina, Fernando havia sido convidado a atuar com o pessoal do Arena numa série de apresentações de *Arena conta Zumbi*, de Guarnieri e Boal, e de *Arena conta Bolívar*, de Boal, no Peru, México e Estados Unidos. Na parte norte-americana dessa turnê Fernando conheceu o crítico e pensador teatral britânico radicado nos Estados Unidos Eric Bentley[5], tradutor e divulgador de Brecht nos Estados Unidos, e dele ganhou uma gravação do inquérito histórico de Brecht pelo Comitê de Atividades Anti-americanas do Senado, em 1947, no

[2] [1920-1981]
[3] [1920-1969]
[4] Companhia de teatro fundada em Berlin por Bertolt Brecht e sua mulher, a atriz Helen Weigel, em 1949.
[5] [1916-]

contexto do macartismo e da perseguição anticomunista na indústria cinematográfica. Fernando utilizaria o material posteriormente em seu livro *Hollywood, Episódio da Histeria Anticomunista*.

Um espetáculo dirigido por Fernando viria a ser alvo, em 1973, de um ato de repressão tão contundente e violento quanto os praticados pelo Estado norte-americano em suas campanhas de perseguição aos comunistas: *Calabar, ou o Elogio da Traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra[6], foi sumariamente proibida às vésperas de sua estréia, marcada para 12 de novembro desse mesmo ano. O parecer final da Censura, emitido após meses de tramitações burocráticas e protelações, vetou não apenas o espetáculo, mas a própria menção ao nome Calabar em toda a imprensa escrita e falada do país, o que levaria Fernando a referir-se a ela, na época, como "a peça inominada". O espetáculo estrearia apenas em 1980, sob a direção de Fernando, ilustrando assim, na prática, o espírito da resistência associada a seu protagonista:

Calabar não morre. Calabar é cobra de vidro. E
o povo jura que cobra de vidro é uma espécie
de lagarto que, quando se corta em dois, três,
mil pedaços, facilmente se refaz.

Em 1972 Fernando passou a integrar o Núcleo 2 do Teatro de Arena, e ali dirigiu a montagem de *Os Tambores na Noite*, de Brecht. Esse espetáculo, juntamente com *A Semana*, de Carlos Queiroz Telles, também dirigida por ele, foi apresentado no Studio São Pedro, importante polo de espetáculos de resistência política em São Paulo no ápice do período repressivo da ditadura militar. Na mesma época os alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo o convidaram a dirigir outra peça de Brecht, *O Processo de Joana d'Arc*, que apresentaram como exame público da turma do segundo ano.

Por ocasião do centenário de nascimento de Brecht, em 1998, Fernando dirigiria um espetáculo musical intitulado *100 Anos Brecht e 100 anos Eisler*, com a soprano Andrea Kayser e o pianista Rubens Ricciardi, uma antologia de canções cênicas brechtianas. Ele já havia dirigido anteriormente, em 1981, um espetáculo com poemas de Brecht, Eisler, Mallarmé e Rilke intitulado *Você conhece Eisler*? ou *Se os Tubarões fossem Homens*, compilados e organizados por Willy Correia de Oliveira, no Museu de Arte de São Paulo, trabalho que lhe dera grande prazer.

E foi por meio de Alejandro Quintana, diretor chileno exilado em Berlim, que reencontrou no Berliner Ensemble, em uma de suas viagens, que Fernando seria indicado, em 1990, para a direção de um espetáculo do grupo de Teatro Popular Latino Americano, constituído por exilados chilenos radicados em Estocolmo, na Suécia, e dirigido por Bernardo Llorens. A peça escolhida havia sido *Murro em Ponta de Faca*, de Augusto Boal, cujo tema era o exílio político no contexto da ditadura militar brasileira, e o próprio dramaturgo, consultado pelo grupo, ratificou calorosamente a indicação de Fernando para dirigi-la. Esse trabalho abriu a Fernando contatos expressivos com artistas, poetas e escritores chilenos exilados na capital sueca, e também com a comunidade local de exilados chilenos, composta em sua maioria por pessoas que não retornariam ao Chile.

No Brasil Fernando foi responsável pela encenação de espetáculos que marcaram época durante a resistência política do teatro à ditadura militar: *Frei Caneca*, de Carlos Queiroz Telles [1972], *Caminho de Volta*, de Consuelo de Castro[1974], *Um Grito Parado no Ar* [1975] e *Ponto de Partida*, de Gianfracesco Guarnieri [1976], *Mortos sem Sepultura*, de Jean Paul Sartre [1977] e *Terror e Miséria no III Reich*, de

[6] [1931-]

Brecht [1979] foram trabalhos artisticamente maduros e politicamente corajosos por seu significado dentro de uma das fases mais repressivas que o país atravessou.

Fernando teve participação intensa, também, em uma das mais importantes iniciativas de teatro épico da América Latina: uma escola itinerante de teatro popular, a Escuela Internacional de Teatro de America Latina y el Caribe, fundada em Havana durante um encontro internacional de teatro que a Casa de las Américas promovera em abril de 1987. A direção da escola ficou a cargo do argentino Oswaldo Dragun[7], e a pauta de trabalho orientou-se no sentido de compartilhar as diferentes linguagens e poéticas de grupos teatrais em permanente atividade, mas também a luta pela liberdade e a soberania dos povos nesse contexto.

O perfil intelectual e artístico de Fernando e a extraordinária riqueza artística e política de seu trabalho lhe renderam convites que resultariam nos inúmeros trabalhos que elaborou como escritor. Fernando somava uma agradável fluência jornalística da expressão escrita à seriedade e profundidade com que associava análise e reflexão política de esquerda. Seu primeiro livro, *Brecht, Vida e Obra* [1968], resultou de um convite feito por Leandro Konder. Seguiram-se *Maiacovski, Vida e Obra* [1969], e *Sade, Vida e Obra* [1970], e posteriormente *Introdução ao Teatro Dialético* [1981], e *Ópera e Encenação* [1986] além do já citado livro sobre a histeria anti comunista em Hollywood.

Fernando soube, como escritor, compartilhar generosamente suas paixões e suas experiências artísticas sem perder o prumo analítico. Exemplos disso são *Teatro Oficina: trajetória de uma rebeldia* [1982] e *Büchner: a dramaturgia do terror* [1983].

Grande parte de sua produção escrita encontra-se nas compilações de sua atividade jornalística e ensaística, fruto de sua participação central e constante em todas as mais importantes frentes de trabalho teatral no pais. É o caso de *Teatro em pedaços* [1980] ,*Teatro em Movimento* [1985], *Teatro em Questão* [1989], *Um Teatro Fora do Eixo* [1997], e *Teatro em Aberto* [1997].

A riqueza, extensão e pertinência artística, política e humana de seu trabalho torna o conhecimento de sua obra uma referência obrigatória dentro e fora do teatro no Brasil.

[7] [1929-1999]